



SENADO EM CRISE

Acusado de ser um dos mandantes da violação do painel de votação, o senador Antonio Carlos Magalhães vive seu outono político — quando o poder começa a fugir das mãos

A última estação



POLÍTICOS QUE TIVERAM MUITO PODER E QUE POR DIFERENTES MOTIVOS O PERDERAM (DA ESQUERDA PARA A DIREITA): ACM, COLLOR, THALES RAMALHO, AURELIANO CHAVES E GOLBERY

Luiz Alberto Weber
Da equipe do **Correio**

Duas máximas com inspiração gastronômica servem para classificar os tipos de políticos existentes:

1) Alguns são como bifes, amolecem quando se bate neles;

2) Outros são como creme, endurecem quando se bate neles

O senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) cruzou três décadas de história pública sem ser enquadrado em nenhuma dessas duas categorias. ACM, simplesmente, não apanhava. Não era bife nem creme.

Na terça-feira, 24 de abril, véspera de seu depoimento no Conselho de Ética, ACM percebeu que isso mudara, que se tornara um político em apuros como outro qualquer.

Naquela manhã, o senador baiano chegou sozinho ao plenário, sem a escolta habitual de parlamentares que se juntavam a ele na caminhada desde o gabinete, sentou-se e passou, pela primeira vez, momentos de solidão política. Ninguém se aproximou; ninguém foi cumprimentá-lo.

À noite, a TV Globo levou ao ar o programa humorístico *Casseta & Planeta*, que o chamou de "Antonio Carlos Fraudalhães" — uma referência debochada a participação do senador baiano no episódio da violação do painel de votação do Senado.

Alvo de um provável processo de cassação por quebra de decoro, o senador baiano está ingressando em seu outono. Daqui a dez dias, o relator do Conselho de Ética deve apresentar seu relatório sugerindo uma punição para ACM e para o senador José

Roberto Arruda (sem partido-DF). Ambos foram apontados pela ex-diretora do Prodasen (Centro de Processamento de Dados do Senado) Regina Célia Peres Borges de serem os mandantes da fraude que permitiu a impressão de uma lista com os votos secretos dos senadores que cassaram Luiz Estevão, em junho do ano passado.

Na vida pública, a estação outono significa deixar antes do tempo a sala das grandes decisões, onde se decide o futuro, para se alojar na copa das memórias, onde cada um lembra o que já FEZ, o que já FOI.

O outono de ACM é surpreendente — porque significa que ele perde poder ainda em condições de exercê-lo por mais tempo. Senão vejamos.

Em 19 de abril último, a *Business Week*, a mais importante revista de economia dos Estados Unidos, citou o nome de ACM 14 vezes numa reportagem sobre o futuro do governo Fernando Henrique Cardoso.

A revista conclui a matéria dizendo ser "Mr Magalhães" um forte candidato à sucessão de Fernando Henrique. Era no início de abril. Em maio, o tempo começou a mudar. ACM não é mais um forte candidato. O outono chegou.

O TEMPO PASSOU

São muitos os casos na história daqueles que mandaram e que hoje não são mais protagonistas. Ora porque se retiraram dignamente, ora porque foram apeados do poder.

"O tempo passou para mim", costuma dizer Aureliano Chaves (mesma idade de ACM) e um ex-poderoso típico. Foi vice-presidente (governo João Figueiredo, ex-deputado e ex-governador.

Thales Ramalho, poderoso

secretário geral do MDB durante a ditadura, foi uma das peças mais importantes do jogo de xadrez que reconduziu o Brasil à democracia. Hoje (com a mesma idade de ACM) escreve, em Brasília, um livro de memórias.

Chamado guru ou gênio da raça, o general Golbery do Couto e Silva foi a personificação do poder na última fase do regime militar. Golbery não o exercia diretamente, mas por ele fluíam as principais decisões dos militares, como a abertura política. Quando se afastou, Golbery foi morar num sítio nos arredores de Luziânia, em companhia da mulher, Esmeralda, dos livros e quase sem receber visitas. Sintomático, pois fora numa visita de Ramalho a Golbery, durante o verão de ambos, que a volta à democracia foi tramada.

No cômodo do ostracismo estão outros forçados à aposentadoria. O ex-presidente Fernando Collor sofreu um processo de impeachment depois que suas relações com o traficante de influência Paulo César Farias — o PC — foram confirmadas.

Antes de se instalar, o outono emite alguns sinais. São várias as constantes na política brasileira que servem para indicar com precisão a perda do poder de alguém. A quantidade e qualidade dos telefonemas recebidos é um indicador importante.

Em meio à crise da violação do painel, o senador Arruda lamentou a mudez do Palácio do Planalto. Arruda não recebeu nenhuma ligação de apoio ou solidariedade do presidente Fernando Henrique Cardoso. ACM e Arruda sofrem as conseqüências de uma retirada forçada.

O ostracismo político tem uma primeira e evidente manifestação no cotidiano. O banido se vê

"SER PODEROSO É COMO SER UMA SENHORA. SE TEM DE DIZER QUE O É, ENTÃO É PORQUE NÃO É"

MARGARETH THATCHER
Ex-primeira ministra da Inglaterra

"O PODER NOS DEIXA DO TAMANHO QUE SOMOS E APENAS ENGRANDECE OS GRANDES"

HONORÉ DE BALZAC
Escritor francês

"O PODER É AFRODISÍACO"

HENRY KISSINGER
Ex-secretário de Estado dos Estados Unidos, também citado por políticos brasileiros

"O PODER CORROMPE. A FALTA DELE É PIOR"

HENRY BROOKS ADAMS
Historiador americano, coitando um humorista de tevê daquele país

forçado a desaparecer do circuito gastronômico da cidade.

— *Como vou poder sair para almoçar fora; com que cara vou entrar nos restaurantes da cidade?*, perguntou, angustiado, Arruda a amigos depois que se viu envolvido até a medula na história da violação do painel de votação do Senado.

Por muito tempo, um dos bons termômetros a indicar quem possuía poder na capital era a lista de comensais do Restaurante *Quintal*, situado numa casa do Lago Sul.

ELES SABEM QUEM MANDA

Espécie de *podermômetro* (medidor de taxa de poder de alguém), o *Quintal* era um restrito clube de gourmets. Só jantava ali, sem reserva, quem estivesse em alta.

Faço aqui um parêntese a título de demonstração. Este repórter passou dois meses numa lista de espera para poder jantar, numa quinta-feira (o menos prestigiado dos dias), um risotto de carne seca.

Em Brasília, um restaurateur ou um maître são mais eficientes do que um cientista político na avaliação de quem está mandando ou em perceber quem caiu em desgraça.

Quando vivo, Ulysses Guimarães (o maior líder da história do PMDB) exercia boa parte de seu poder do segundo andar do Restaurante Piantella.

Nessa casa, Ulysses tinha até mesa cativa — algo que nesse governo paralelo dos restaurantes equivale a uma poltrona no primeiro escalão da República.

Explica-se, por isso, a angústia de Arruda, que está mais preocupado com esvaziamento de seu poder do que com a distância que terá que manter de um, digamos, *steak au poivre*.